

**Vislumbrando estrelas: estudo sobre tradição oral e memória na ordem de penitentes
Irmãos da Cruz de Barbalha.**

David de Lima Damasceno¹

RESUMO: O presente trabalho é resultado da pesquisa empreendida para realização do vídeo etnográfico “Irmãos da Cruz”, tendo como tema central o fenômeno presente na Ordem de Penitentes Irmãos da Cruz de Barbalha, manifestação do catolicismo popular existente a mais de 160 anos. Pretendeu-se, com o vídeo, apresentar essa manifestação do catolicismo popular de origem secular — perpetuada e mantida pela tradição oral — através do diálogo entre passado e presente criado pelas vozes de dois membros dessa irmandade, Joaquim Mulato e Antônio de Amélia. Paratanto, analisou-se bibliografia existente aliando à discussão os conceitos de tradição oral de Zumthor (1993) e os conceitos de história oral de Thompson(1992).

PALAVRAS-CHAVE: Memória.Oralidade.Resistência.

VislumbrandoEstrelas

Vislumbrar,segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA,2010:2165),quer dizer, em seu segundo verbete: “conhecer imperfeitamente”, seguido de “lançar luz frouxa” e “começar a aparecer, a surgir, entrever-se; apontar”. Esta é a definição que mais se aproxima do que de fato alcançamos com a pesquisa e a produção do vídeo, por tratar de assunto presente há mais de 160 anos, transmitido oralmente e transferido por gerações.

Em termos de História: desde a implantação da cultura letrada no Brasil, ficaram abaixo do limiar da escrita quase todos os conceitos da vida indígena, da vida escrava, da vida sertaneja, da vida artesanal, da vida rústica, da vida proletária, da vida marginal; abaixo do limiar da escrita ficaram as mãos que não puderam contar, no código erudito, a sua própria vida. (BOSI, A. Prefácio. In: MOTA,G. C. Ideologia da Cultura Brasileira, apud OLIVEIRA, F. W. Do Oral ao Escrito: momento de reflexão. In: Anais do II Encontro de História Oral do Nordeste, 2000:15)

Impossibilitados de escrever a sua história com as próprias mãos, encontramos no audiovisual a possibilidade de dar o lugar de sujeito aos penitentes, distanciando-os do lugar de objeto ao qual foram inseridos em outros trabalhos. Buscou-se a partir do vídeo-documento-etnográfico “Irmãos da Cruz” e da pesquisa empreendida na sua produção: registrar, apresentar e divulgar, o passado e o presente da Ordem de Penitentes Irmãos da Cruz. Sob o olhar e a voz de Joaquim Mulato, decurião entre os anos de 1940-2009, e Antônio de Amélia, decurião desde 2013 - atualmente. Analisando os aspectos de tradição oral, resistência e existência da Ordem.

¹Graduado do Curso de Publicidade da Universidade Federal do Ceará, e-mail: daviddamasceno@gmail.com.
Fortaleza, v. 11, n. 22 - Julho/dezembro de 2020

A discussão é necessária por tratar-se de manifestação com expressão por todo o Brasil e possuir forte influência na cultura do Nordeste, guardando na sua história fragmentos do processo colonizatório praticado no País. Por ser importante manifestação da cultura popular, conhecida por algumas instâncias da sociedade, porém, de pouca circulação fora do meio acadêmico e na sociedade em geral. Além de reforçar a importância de mecanismos de proteção do patrimônio imaterial para a permanência de fenômenos como o discutido no trabalho.

Introdução

As ordens de penitentes — manifestação religiosa secular de grande adesão no nordeste brasileiro, com origem datada do século XIX. Conforme Carvalho, A., "há referências na literatura de que as Ordens de Penitentes no Cariri cearense remontam a pelo menos a 1850" (2011:27) — possuem forte suporte da tradição oral para transmissão de sua história. Por isso, aliamos à análise bibliográfica os conceitos de oralidade de Zumthor e de história oral de Thompson para compreender as facetas do fenômeno que é perpetuado e mantido vivo até hoje.

Joaquim Mulato e Antônio de Amélia são as duas vozes que costuram a narrativa do vídeo e nos dão margem para contrapor passado e presente na criação deste documento audiovisual, ao mesmo tempo histórico e etnográfico.

Por meio de entrevistas, semiestruturadas e de histórias de vida, registrou-se a voz e parte da vida desses dois homens. O primeiro ingressou na Ordem aos dezesseis anos e o segundo aos dez. Os dois têm em comum o título de decurião, como são chamados os líderes da irmandade. Joaquim assumiu a chefia da Ordem entre os anos de 1940-2009 e Antônio de Amélia de 2013 - atualmente.

Mulato foi entrevistado em 2003, por Gilmar de Carvalho e Wellington de Oliveira. Antônio, por mim, em junho de 2017. Quatorze anos entre os dois registros. Contrapostos e entrecruzados, na narrativa criada, buscando evidenciar as particularidades presentes nos discursos e as transformações sucedidas no tempo decorrido.

Partindo desse discurso que nos faz viajar entre passado e presente/presente e passado percebemos que antes dele ser a imitação concretada história nos serve mais como filtro desta, permitindo conhecer o que mais interessa, pensando sua salvaguarda. Segundo Williams (1989:23-25 apud ANTONACCI, 2002:194), "está em jogo algo mais que aritmética e, evidentemente, algo mais que história. (...) O que é necessário investigar, nestes casos, não é a veracidade histórica, e sim a perspectiva histórica".

A narrativa do vídeo parte da preocupação de Mulato para com o fim dessa tradição. Ele acreditava que com a sua morte a Ordem teria grande chance de ser extinta, tanto por conta da pouca adesão de membros mais jovens como pela falta de capacidade de

memorização dos membros. O que impediria a manutenção dessa religião persistida na memória. Em sua fala ele diz: "Quem sabe, sabe. Se eu morrer, e Severino, acabou os penitentes aqui. Porque não tem um que tenha a memória. Daí nós já tamo já na pindura. Eu to com 83".

As ordens de penitentes encontram-se onde o cordel estava antes do espírito vivo presente na voz ter sido roubado pelas palavras transmitidas ao papel. Suas histórias, orações, devoções e benditos estão gravados e perpetuados na memória imaterial, como por muito tempo permaneceram as canções de gesta — conjunto de poemas surgidos na aurora da literatura francesa, entre os séculos XI e XII (ZUMTHOR, 1992).

Além da necessidade de arquivar, para preservar e compartilhar, essa manifestação que guarda em seu cerne fragmentos do processo colonizatório sofrido pelo Brasil, é importante, também, dar voz aos membros dessa irmandade. Observou-se a partir da revisão bibliográfica a ausência, em todos os estudos, da presença massiva da voz do penitente.

Os estudos aos quais me refiro são: Artimanhas da história, ANTONACCI, 2002; Entre cantos e açoites: memórias, narrativas e políticas públicas de patrimônio que envolvemos penitentes da cidade Barbalha-CE, MACHADO, 2014; Os Penitentes do Genezaré e o poder público do município de Assaré – CE (2005 aos dias atuais): diálogos e sensibilidades, OLIVEIRA, 2013; Sob o signo da fé e da mística: um estudo das Irmandades de Penitentes no Cariricearense, CARVALHO, A., 2011.

Ainda há outras obras, transferidas para meios digitais (filmes e fotografias) e impressos (monografias, dissertações, artigos e livros), aqui divididas em: filmes — "Ordem dos Penitentes" (2002) e "Penitentes" (2013) —, fotografias — Ana Cristina Riente (RJ); Guy Veloso (PA) e Tiago Santana (CE) —, artigos — O penitente Joaquim Mulato, de Barbalha publicado no Jornal do Cariri (1999); Joaquim Mulato. Penitência e arte publicado no Diário do Nordeste (2003) e Joaquim Mulato: Santeiro Penitente publicado na Cariri Revista (2012) —, livros — Artes da Tradição - Mestres do Povo (2005) e Sob o signo da fé e da mística (2011) — e programas de tevê — "SBT Repórter – AutoFlagelo" (exibido em 02/08/2010).

Esses trabalhos prestam sua contribuição para o resguardo dessa história mas são insuficientes para divulgar e preservar o repertório do grupo, portanto, faz-se necessário a produção de novos e atuais trabalhos sobre essas irmandades, além de projetos que possibilitem a manutenção e salvaguarda dessa memória.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho processou-se dois tipos de metodologias. A primeira foi utilizada para a construção do relatório e a segunda para a realização do vídeo.

Ambas de natureza qualitativa. Num primeiro momento, de construção do relatório e início da pesquisa, a metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória, a partir da análise do material bibliográfico, de arquivos de periódicos e jornais, fotografias e vídeos.

Acrescida, posteriormente, da pesquisa de campo onde realizou-se coleta de dados por meio de entrevistas — semiestruturadas e de histórias de vidas— através de gravação de áudio e de imagens. Para tanto, Thompson (1992) foi utilizado como provedor dos conceitos de história oral e Zumthor (1998) como referencial teórico para entender os conceitos de tradição oral que permeiam essa irmandade e tornar mais compreensível os resultados obtidos nesta fase.

Durante a realização do vídeo fez-se a captação das imagens em Barbalha e no Sítio Cabeceiras. Seguido da decupagem do material obtido nas filmagens: separando e catalogando todas as imagens feitas, possibilitando a agilidade na terceira parte desta etapa, a montagem, quando foi produzido o roteiro de edição, seguido da edição.

Não há, para este trabalho, técnica mais adequada do que a história oral. De certo que a maior parte da história a ser contada está contida nas reminiscências de quem a viveu e vive. No entanto, pelos textos obtidos a partir das entrevistas realizadas com Joaquim Mulato (2003) e Antônio de Amélia (2017) notou-se em suas falas alguns denominadores em comum — palavras, frases e histórias semelhantes —, índice do processo de transmissão oral, que apresenta também, um "tipo de memória, sempre em recuo, mas prestes a intervir para fazer ressoar a língua, quase à revelia do sujeito que a teria como que aprendido de cor" (DRAGONETTI, R. *Le Jeu desaint Nicolas de Jean Bodel* apud ZUMTHOR, 1993, p.21).

Por isso fez-se necessário a investigação de algumas histórias, pois as falas obtidas nos apontaram a debilidade da memória e sua falta de precisão. Notava-se ausência de algumas informações necessárias para o entendimento de determinados aspectos e, também, histórias que após verificação determinavam-se incoerentes com os processos históricos. Por tanto, nessa fase pós coleta de dados também tivemos como suporte a bibliografia existente.

Penitentes

“São as vozes do passado atualizadas no presente que presenteiam o futuro com a fonte essencial da vida: a memória.”(NEVES, 2000:49)

Observar os penitentes é como olhar para as estrelas, mesmo estando há milhares de anos luz de distância, emitindo uma luz que foi irradiada no passado, ainda brilham vivamente aos nossos olhos.

Joaquim Mulato, em 2003, nos revela informações cruciais sobre a constituição e manutenção da irmandade. Relata a passagem de Padre Ibiapina pelo sertão cearense, os

aspectos da oralidade inculcados na tradição, a origem dos benditos e sua preocupação com a continuidade da irmandade.

Frei Ibiapina veio naquela época, desde 1800.. pra 700.. por aí assim. Ele descobriu Caldas, fez casa de caridade no Crato, fez casa de caridade na Barbalha. Fez o cemitério da Macaúba, fez o de São Raimundo, desceu, fez aquele ali. [...] Aí ele deixou essa irmandade, essa religião. Foi estendida aqui e na Bahia. Foi Frei Ibiapina que deixou, tudo ele deixou, ensinou como é que o homem andava com a cruz, ensinou como fazia, trazia os cachos feitos de Recife, Frei Ibiapina.

Em 2017, Antônio de Amélia reatualiza as histórias contadas por Joaquim, e atualiza-as com outras informações que não foram transmitidas na primeira entrevista.

Nós deixamos de se cortar faz tempo. faz tempo. Ah... evolução como é que diz, as coisas vão mudando né. O bispo disse que num era bom se cortar não, porque não.. Se cortar no cemitério é bom não, se fossen outro canto.. Mas no cemitério ele disse que era contaminado, ora, no hospital, tem infecção hospitalar, e no cemitério. É certo, o doutor também disse que não. É bem verdade, esse negócio de se cortar é um pouco meio complicado. Hoje. Porque hoje tá tudo contaminado, porque assim, no passado se cortava e num tinha nada. [...] Agora eu tenho pra mim que continua o grupo de penitentes entrando com pouco bendito. Se não se acabar é com pouco bendito.

Das transformações identificadas por Antônio de Amélia, a diferença na relação com o decurião é uma das mais significantes. No passado, mais do que hoje, havia um respeito e obediência ao líder da irmandade, como cita seu Antônio: "Naquele tempo o povo obedecia o chefe, o decurião, hoje não querem, a gente manda cantar, eles não cantam". Situação que preocupa o novo líder, mais, até, que a falta de adesão de novos membros e o pouco engajamento dos atuais.

Antepassado

Diferente da crença de Joaquim Mulato, a história da penitência no nordeste brasileiro vem de tempos anteriores a passagem de Padre Ibiapina pela região. De acordo com os estudos de Carvalho, A. (2011:27-28), “as Ordens de Penitentes no Cariri cearense remontam pelo menos a 1850, portanto em época anterior ao Padre Ibiapina, que pregou e fundou Casas de Caridade no Nordeste a partir do final de 1855”.

A presença dos missionários das Santas Missões pelo sertão — grupo de jesuítas, carmelitas, franciscanos, oratorianos, capuchinhos, dentre outros — está fortemente ligada ao início da prática penitencial no Nordeste. É com eles que é levado ao imaginário do sertanejo a ideia de salvação por meio da mortificação corporal e penitência, seja ela qual for, conforme diz Silva (2011).

Diferenteadas Missões Volantes e de Aldeamento, que foram marcantes nos primeiros séculos da colonização e atuaram com o propósito de catequizar as tribos indígenas do litoral e dos sertões, as Santas Missões, ou Missões Populares, do século XIX foram criadas no contexto histórico da romanização em que vivia a Igreja Católica e pretendiam, dentre os vários objetivos, transmitir a prática sacramental e fortalecer o vínculo entre os fiéis e a hierarquia eclesiástica. (SILVA, 2011:2)

Além dessas missões existiam missionários que percorriam o sertão pregando sob o auxílio de textos de catequese como Missão Abreviada. Texto que traz passagens de antigas escrituras e instruções aos fiéis de como se remir de suas culpas livrar-se do pecado por meio da mortificação corporal.

Esses “missionários”, ao contrário da maioria dos fiéis, detinham um conhecimento básico das Sagradas Escrituras, uma vez que dispunham de obras voltadas para a compreensão simples da Bíblia, como é o caso da já citada Missão Abreviada, além d’As Horas Marianas e a Imitatio Christi (Imitação de Cristo) – manuais muito comuns entre os sertanejos e que serviam como livros de orientação para a vida cotidiana.(SILVA, 2011:18)

Por praticar em uma vida simples e nômade, esses missionários apresentavam semelhanças ao povo sertanejo. Característica que facilitava o contato entre esses dois grupos, propiciando uma admiração por parte do povo do sertão para com esses homens. (SILVA,2011)

Os penitentes ainda guardam em suas relações a confiança depositada na fala de missionários, assim como nos membros da Igreja Católica. Algo que foi possível concluir por meio da fala de Antônio de Amélia sobre o fim da autoflagelação, “o bispo disse que num era bom se cortar não”. Foi possível chegar a essa conclusão, também, por meio de relatos do vigário de Barbalha, Padre Alencar. O pároco contou-me existir um grande respeito por parte dos penitentes para com os conselhos de seus membros e os preceitos da Igreja.

A forte relação com a Igreja Católica vem desde a fundação dessas irmandades. Nos é possível inferir que a organização das irmandades penitentes faz alusão às ordens franciscanas, iniciadas no século XI (ZUMTHOR, 1993). Há em comum nessas duas ordens além da prática da penitência, o canto de benditos— histórias sagradas ou biográficas cantadas em versos ritmados.

Remontam ainda à outras práticas medievais. Trazem-nos à memória os flagelantes públicos, indivíduos que se açoitavam em praça pública na Europa do século XIII, com ápice da prática no século XIV, em decorrência da peste negra. Os flagelantes acreditavam serem aplacados pela ira Divina com a prática da penitência e martírio, como foi observado no texto de Carvalho, A.(2011).

“A salvação é garantida pelas práticas penitenciais onde cânticos, orações e sofrimento físico fazem parte do ritual desses grupos” (CARVALHO, A. 2011:21). A penitência também é meio de reatualizar a vida de Cristo. Segundo Joaquim Mulato, “Ele foi o maior penitente que existiu, morreu sem nenhum pecado para salvar a humanidade”.

Pergaminhos Vivos

Os penitentes são como uma obra secular. Daqueles livros ao qual a página onde consta a data da primeira impressão de tão amarelada e seca se desfez. Enxergamos os penitentes como pergaminhos vivos. Homens que inscreveram em seus corpos parte da história da penitência no Brasil e são, hoje, os documentos mais importantes a serem consultados para compartilhá-la.

A História Oral como metodologia é "capaz de dar voz a segmentos sociais sem acesso à produção de documentos escritos e cuja cultura e cotidiano se desenvolvem, preferencialmente, através da oralidade" (ATAIDE, 2000:70). Por meio dessa técnica aproximamos pesquisador e pesquisado, criando uma conscientização em ambas as partes do entendimento do objeto como parte crucial à pesquisa.

Percebemos hoje uma mudança no quadro do arquivamento dessa história, antes preservada apenas na memória dos membros da irmandade. Com o interesse partindo da academia, da mídia, da fotografia e do cinema, tem sido feita a transferência dessa memória para monografias, dissertações e teses, ensaios e filmes, programas de tevês e editoriais.

Memória, história e tradição oral

Overbose expande no mundo, que por se meio foi criado
e ao qual dá vida. (ZUMTHOR, 1993:75)

A memória é o suporte mais antigo e o que mais arquivou as informações sobre o fenômeno dos penitentes. E foi através da oralidade que essa memória se perpetuou, sendo transmitida de pai para filho, detentor do saber ao curioso, de quem vivenciou a quem procurou conhecer, fixando-se, e findando a uma memória coletiva.

Visto que o maior suporte dessa memória são as reminiscências dos membros da irmandade, estive com esses homens durante muitos anos a responsabilidade pela manutenção, processamento, partilha e preservação dessa tradição. Pode-se concluir, então, que com cada irmão da cruz morto antes de haver interesse em registrar essa tradição morria parte da história da irmandade. O que, segundo Zumthor (1993:49), "indicam-nos um buraco negro do qual se ergue outras vozes inaudíveis, mas inumeráveis".

É por intermédio dessa memória, acessada pelas reminiscências de Joaquim Mulato e

Antônio de Amélia, visualizadas a rigor da pesquisa e do método escolhido como documentos, que nos aproximamos do passado a fim de compreendemos o presente. O acesso a esses documentos permite-nos adentrar ao campo da história imaterial, indo de encontro ao imaginário da Ordem, conjunto de símbolos e pensamentos relativos às vivências do grupo.

De acordo com Thompson (1992), o uso da história oral na pesquisa transforma todo colaborador em um documento histórico o qual guarda e é responsável por transmitir o conhecimento, deixando a cargo do historiador o papel de organizá-las, associá-las e interpretá-las, fazendo com que a reconstrução da história se torne um processo colaborativo, dando a não profissionais o papel crucial nessa tarefa.

Encontramos em *A Voz do Passado* o que nos reafirma o papel documental e histórico em torno dos decuriões enquanto detentores da história da irmandade e responsáveis pela transmissão oral desses conhecimentos. No texto, são citados exemplos de tribos indianas onde a característica da arquivo humano e transmissor de tradições é encontrado, como os "genealogistas, memorialistas, rapsodos e abiiru, cada um, responsável pela preservação de um tipo diferente de tradição, no dialeto dessas tribos, cada nome tem sua tradução". Seguindo a ordem anterior:

os abacurabwenge, eram responsáveis por lembrar das listas dos reis e das rainhas-mães, os abateekerezi, os acontecimentos mais importantes de cadareinado, os abasizi, preservavam os panegíricos a os reis e os abiiru, os segredos da dinastia. Havia equivalentes a eles em muitas outras culturas, como nos kald escandinavo ou no rajput indiano. (ibid:47).

Thompson conclui, afirmando e validando nossa escolha por esse método, que práticas como essa de testemunho grupal ou mesmo individual podiam preservar por séculos alguns padrões, inclusive arcaísmos, e que continuariam perpetuados mesmo que não mais fossem compreendidos, e que, "tradições desse tipo assemelha-se a documentos legais, ou livros sagrados".

O contato com dois, dos mais antigos, membros da Ordem dos Irmãos da Cruz, em diferentes épocas, nos permitiu perceber que a prática dessa tradição oral preservou certas diferenças entre suas falas, algo de fácil percepção se visualizarmos o bendito de Santo Antônio. Cantado de forma, ligeiramente, diferente entre os dois decuriões.

Observando as três primeiras estrofes do bendito cantado por Joaquim Mulato (I) e Antônio de Amélia (II) podemos perceber os pontos supracitados.

(I)
Santo Antônio de Lisboa, amoroso
imperador Vailivarteupaidamorte
Que vai morrer
inocente Que vai morrer

inocente(II)
Santo Antônio de
LisboaAmoroso
amparador
Que no dia 29 dos castigos nos
livrouQue no dia 29 dos castigos nos
livrouAntônio tavanaItália
Celebrandooseusermão
Desceu um anjinho do céu e a ele foi a
visãoDesceu um anjinho do céu e a ele foi a
visãoSocorroAntônio
Nesse mesmo continente
Vai livrar teu pai da morte que vai morrer
inocenteVai livrar teu
pai da morte que vai morrer inocente

Vídeo-documento-etnográfico

Decido categorizar o filme "Irmãos da Cruz" como um vídeo-documento- etnográfico por entendê-lo como a junção de todas essas categorias, citá-lo por alguma delas em separado, não o descaracteriza nem mesmo o diminui, apenas o fragmenta. Em "Irmãos da Cruz" são os homens que fizeram a história e detêm o poder de contá-la que a contam. São eles, inscritos no filme, que escrevem o documento, registrando suas memórias, salvando-as e resguardando-as do esquecimento.

O processo de criação deste vídeo-documento começa a partir de uma pesquisa. A impossibilidade de um roteiro de filmagem tornou-se um ponto positivo na produção, pois, a ida a campo sem uma ideia pré-determinada do que deveria vir a ser o vídeo fez com que o desenho do filme surgisse no contato com a história que seria contada. Um work in progress desde o começo da leitura bibliográfica que serviu de suporte para a viagem à Barbalha, a conversa com Antônio de Amélia e a posterior criação do roteiro de edição do filme.

Dessa forma, a captação das imagens do vídeo seguiu de acordo com a conclusão de Rabinger, conforme pontuado em seu livro *Directing the documentary*, "a filmagem deverá ser preferencialmente a coleta de “evidências” para relações e suposições básicas identificadas anteriormente" (RABINGER, 1998, p. 113 apud PUCCINI, 2009).

O documentário é uma carta escrita pelo realizador aos espectadores. Um mundo possível imaginado, uma transfiguração do real na tela filmada,

é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre concepção da ideia e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por um discurso. (PUCCINI, 2009:34)

"Irmãos da Cruz" é uma carta escrita com as palavras dos personagens dessa história organizadas pelas minhas mãos, jovem pesquisador, o qual vos escreve esta outra carta. Na escrita videográfica foi-me confiado o papel de montador de palavras, do qual o vídeo resulta

como colagem dos discursos dos dois decuriões. Foi neste ponto onde minha atenção ficou focada, pois, eu tinha como tarefa contar a história que me transmitiram, a partir da organização das palavras que me foram contadas. Levando em conta a dificuldade de fazer isso sem provocar outras histórias, visto que

Na articulação dos planos existe uma mão oculta que fascina a reflexão desconstrutiva contemporânea e que pode também produzir enunciados ou sentido, interagindo ativamente com o modo do sujeito-da-câmera ser na tomada (...) A mão oculta que articula os planos, alguns chamam montagem. (RAMOS, 2008:86)

O vídeo toma forma como extensão, apêndice, corpo fora do corpo, ou suporte, da memória. No entanto, assim como ela, a ele, só é possível registrar fragmentos de reminiscências que constroem uma memória coletiva e plural.

Argumento

A partir de uma fala de Joaquim Mulato iniciamos a pesquisa para este trabalho. "Quem sabe, sabe.. se eu morrer, e Severino, acabou os penitentes aqui. Porque não tem um que tenha a memória. Daí nós já tamo, já, na pindura. Eu toc om 83". As especulações de Joaquim são feitas em 2003, seis anos antes de sua morte. O vídeo foi desenvolvido oito anos após a morte de Mulato, buscando compreender através do entrecruzamento das vozes do presente e do passado, o processo sofrido pela manifestação religiosa secular.

Ancorados na entrevista concedida em 2003 por Joaquim Mulato, voltamos ao Sítio Cabeceiras, região onde vive parte da irmandade, para ouvir a voz do presente, representada pelo atual decurião da Ordem, Antônio de Amélia. Através do enlaçamento das duas vozes, criou-se um panorama de avaliação e contraposição de passado e presente, tentando compreender os processos vividos após o falecimento de Joaquim, evidenciando a resistência por parte da irmandade e a importância da preservação dessa memória coletiva, para sua manutenção e perpetuação.

Considerações Finais

Segundo os pensamentos explicitados por Zumthor, em *A Letra e a Voz*, observamos que os penitentes preservam características inerentes à fé popular, presentes nessas camadas desde a Baixa Idade Média. Por exemplo, os ensinamentos e rituais transmitidos de boca ao ouvido.

Nessa época, e ainda hoje, em grupos como os Irmãos da Cruz, a voz se identifica ao espírito. Segundo Zumthor (1993), a autoridade está no verbo proferido pela voz daqueles que detém o conhecimento, logo, a verdade. E dessa forma, perpetuavam-na por meio de seus discursos. Assim como acontece entre os Irmãos da Cruz.

Foi pela voz que essa tradição foi transmitida durante todos esses anos, até há pouco tempo, antes de surgir interesse por parte do homem letrado em contá-la. É por ser vivificada na voz que acreditamos no vídeo como suporte ideal para transmitir essa tradição e, assim como foi feita por mais de um século, quem as conte sejam as vozes dos homens que a vivem. Neste trabalho onde o objeto é sujeito e o objetivo é espalhar uma voz, o pesquisador é, também, um método para tornar isso possível.

Acessoavídeo:<https://youtu.be/GtvEfgWFsm8>.

Referências

- ANTONACCI, M. A., Artimanhas da história. In: Proj. História, São paulo, (24), jun. 2002. **Revista Eletrônica da PUC-SP**. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10618>>. Acesso em 24 de maio, 2017.
- ATAIDE, Y. D. Bandeira de. ALGUNS USOS DA HISTÓRIA ORAL: CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DE GÊNERO, ETNIAS E GRUPOS EXCLUÍDOS. In: **Anais do II Encontro de História Oral do Nordeste**, Salvador: Editora da UNEB, 2000.
- CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Sob o signo da fé e da mística: um estudo das Irmandades de Penitentes no Cariri cearense**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.
- CARVALHO, Gilmar de (org.). Onze vezes Joazeiro: **Tributo a Ralph Della Cava**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011. Madeira Matriz. **Cultura e Memória**. São Paulo: Annablume, 1998.
- DOS ANJOS, Moacir; FARIAS, Agnaldo. **Catálogo da Bienal Internacional de São Paulo, 2010. "Penitentes, dos Ritos de Sangue à Fascinação do Fim do Mundo"**. Disponível em: https://issuu.com/guyveloso/docs/penitentes_catlogo_v11_issu Acesso em 25 de maio, 2017.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- MACHADO, Jana Rafaella Maia. **Entre cantos e açoites: memórias, narrativas e políticas públicas de patrimônio que envolvem os penitentes da cidade Barbalha-CE**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.
- OLIVEIRA, Cícero da Silva. Os Penitentes do Genezaré e o poder público do município de Assaré – CE (2005 aos dias atuais): diálogos e sensibilidades. In: **XXVII Simpósio Nacional**

de História - ANPUH, Natal, julho de 2013. Anais eletrônicos. Disponível em
:www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364844456_ARQUIVO_ArtigoSNH.pdf.

Acesso em 12 de jun. 2017.

SILVA, L. R. da, Canudos e Caldeirão: Missões Abreviadas. In: **XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH, São Paulo, julho de 2011. Anais eletrônicos, São Paulo, 2011.

Disponível em:

<www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300847429_ARQUIVO_CanudoseCaldeirao-Missoesabreviadas.pdf>. Acesso em 24 de jun. 2017.

THOMPSON, Paul. **A Voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a "literatura" medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

EMBORNAL
Revista da Associação Nacional de História - Seção Ceará

EMBORNAL
Revista da Associação Nacional de História - Seção Ceará

EMBORNAL
Revista da Associação Nacional de História - Seção Ceará

EMBORNAL
Revista da Associação Nacional de História - Seção Ceará

EMBORNAL
Revista da Associação Nacional de História - Seção Ceará

EMBORNAL
Revista da Associação Nacional de História - Seção Ceará